

G-12
Estudos
e reflexões

Lourenço Stelio Rega
(organizador)

O movimento G-12

Editorial

Dentro de uma visão profilática e proativa, o Conselho de Educação Teológica e Ministerial (CETM-CBESP) e a Ordem de Pastores Batistas do Brasil – Seção Estado de São Paulo, com o apoio do Conselho Geral da Convenção Batista do Estado de São Paulo, publicam este encarte no Jornal Batista Paulistano.

O apóstolo Paulo já anunciava em sua época os riscos provenientes dos ventos de doutrinas que acabam por dividir o povo de Deus, que deveria estar unido em só vínculo. Aliás a unidade do Espírito não é de origem humana, mas divina, cabe-nos preservá-la (Ef 4.3).

Infelizmente nossa época é marcada pelo utilitarismo e pela busca das coisas que funcionam. Aliás, tenho visto que a pergunta primeira de muitos líderes é “isso funciona?” em vez de “isto é bíblico?”. Isto é importante, pois o funcional deve ser referenciado por um padrão de verdade superior aos interesses pessoais e momentaneamente visíveis. Ter sido vendido como escravo para José não foi nada agradável e nada funcional, mas foi o meio pelo qual Deus preservou o seu povo. Se olharmos do ponto de vista humano, Jesus poderia bem ser considerado um grande fracassado, além de ter morrido, um seguidor o traiu e os demais fugiram na hora mais crucial de sua vida. A verdade é que sem a sua morte não haveria como ter sido ressuscitado e vencido a morte para nos dar vida.

Se você está preocupado em fazer a sua igreja crescer, pense em primeiro lugar que a porta do céu é estreita, mesmo porque o evangelho exige auto-negação (Lc 9,23) e isso não é nada funcional e produtivo para homem contemporâneo que deseja cada vez mais fortalecer seu eu, seus desejos e instintos pessoais. Mas este é o chamado do Mestre. Em segundo lugar, considere que o crescimento da igreja vem de Deus (1 Co 3.5-9) e é produto de uma vida consagrada no seu altar (Rm 12.1), uma vida que considera Cristo como padrão de referência (Ef. 4.15) e pelo exercício dos dons mobilizado pelo amor (Ef 4.16).

Hoje há muitas estratégias, modelos e alternativas para se realizar a obra de Deus. Algumas com mais risco, outras com menos. Algumas funcionais outras menos funcionais. Aqui vale a pergunta: “é bíblico?” Sem dúvida é possível aprender tudo com todos, o próprio apóstolo Paulo dizia “ouvi de tudo e retende o que for bom” (1 Ts 5.21). Se é possível aprender com G-12 lições de atuação com pequenos grupos, não podemos ter a mesma segurança com relação a muitas outras práticas e paradigmas que nele estão contidos. Vamos ser sábios, como os crentes de Beréia, que conferiam nas Escrituras tudo o que ouviam (At 17.11).

Assim, oferecemos ao público leitor do Jornal três documentos para a sua reflexão e decisão – Pronunciamento: A CBB E O MOVIMENTO G12 (Documento oficial da Convenção Batista Brasileira sobre o movimento G-12); Uma Análise do Movimento G-12 - *Reflexões de um Pastor Batista* (Artigo de autoria do Pr. Alberto Kenji Yamabuchi); e, Dessacralizando a “Visão” - Uma abordagem crítica e desmistificadora do Movimento “G-12” (Artigo do Dr. Josué Salgado).

Prof. Lourenço Stelio Rega

A CBB E O MOVIMENTO G12

Rio de Janeiro, 18 de setembro de 2000

À
Liderança Batista - Convenção Batista Brasileira

Caros irmãos e irmãs na obra do Senhor:

Estou anexando o texto preliminar sobre "A CBB e o Movimento G-12", de autoria do Pastor Irland Pereira de Azevedo, conforme decisão da Diretoria da CBB. Ao Pastor Irland, nosso profundo reconhecimento pelo esforço e tempo dedicados à pesquisa e à elaboração do texto.

Solicito-lhes a fineza de estudarem esse material e encaminharem suas sugestões diretamente para o Pastor Irland - irland@netway.com.br Uma vez de posse de todas as considerações, o Pastor Irland consolidará o texto, que constituirá o posicionamento oficial da Convenção Batista Brasileira, assinado pela Diretoria da CBB, Diretoria da OPBB e Executivos denominacionais. O documento será publicado em O Jornal Batista e nos jornais das convenções estaduais, bem como divulgado através da internet e por todos os meios à nossa disposição.

Deus nos abençoe a todos com uma semana tranqüila, na companhia de nossos respectivos familiares!

[]s

Fausto Aguiar de Vasconcelos
Presidente da Convenção Batista Brasileira

=====

A CBB E O MOVIMENTO G12 Pronunciamento

Preâmbulo

A Diretoria da Convenção Batista Brasileira e os Secretários Executivos das Convenções Batistas dos Estados vêm acompanhando com o maior interesse os debates e as experiências com relação ao chamado Movimento G12, e entende necessário fazer o pronunciamento a seguir, visando à saúde doutrinária e à unidade das igrejas, a sustentação dos princípios bíblicos e teológicos que informam nossa Ecclesiologia, a eficácia de nosso testemunho nesta virada de século e milênio e, sobretudo, a glória de Deus.

Nossas Convicções

Como preliminar às nossas posições sobre o G12, é mister recordar e afirmar algumas de nossas convicções:

1. Cremos nas Escrituras Sagradas, canônicas, composta de Antigo e Novo Testamento, como registro fiel da revelação de Deus, e como única regra de fé e conduta, para o crente e para a igreja de Jesus Cristo no mundo.
2. Cremos que a Bíblia deve ser interpretada por firmes princípios hermenêuticos, dos quais ressaltamos o de que a Bíblia deve ser interpretada pela Bíblia, o texto à luz do contexto, mas sempre à luz da Pessoa e dos ensinamentos de Jesus Cristo.
3. Cremos no Deus trino, Pai, Filho e Espírito Santo, cujas obras nós vemos na Criação e na História, e que se revela, de maneira gradativa e progressiva, nas Escrituras e, plenamente, na Pessoa de Jesus Cristo, Verbo encarnado.
4. Cremos na Igreja como entidade a um tempo temporal e atemporal, fundada por Jesus Cristo e que tem por missão a redenção dos homens e o fazer discípulos de Dele em todas as nações, formando uma nova criação, a humanidade deuteroadâmica.
5. Cremos na suficiência de Jesus Cristo como Senhor e Salvador, na eterna salvação dos que Nele crêem.
6. Como cristãos, evangélicos e batistas, cremos que a revelação chegou à sua culminância em Jesus Cristo e que toda alegação de novas revelações ou verdades deve ser cotejada com as Escrituras canônicas, corretamente interpretadas.
7. Cremos que a igreja do Novo Testamento, especialmente a de que nos dá conta o livro de Atos, constitui modelo para as igrejas de nossos dias, já no compromisso com a proclamação, a adoração, a comunhão, a edificação e o serviço; já no modelo pendular de seu funcionamento, no templo e nas casas, a difundir o reino de Deus.
8. Cremos que são permanentes e de valor universal e transcultural (a valer em todas as culturas) os princípios bíblicos de organização, vida, ministério, proclamação e serviço da igreja, porém os métodos e modelos podem e devem variar, de acordo com a sociedade e a cultura em que se insere a igreja e desenvolve-se sua missão.
9. Cremos que os fins não justificam os meios na realização da obra de Deus no mundo. Fins e meios devem ser compatíveis com a verdade, os princípios e a ética das Santas Escrituras.
10. Cremos devermos estar abertos para o diálogo e a aprendizagem em nosso mundo globalizado, em todas as áreas da existência humana, porém capazes de discernir os métodos e modelos consoantes os princípios e fundamentos de nossa fé, a manter-nos sempre inarredáveis em nossa fidelidade a Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida.

Nossa posição sobre o Movimento G12

À luz das convicções que acabamos de explicitar, e do exame criterioso e desapassionado de testemunhos, relatórios, pronunciamentos e documentos elaborados por líderes evangélicos de modo geral, e batistas em particular, chegamos à seguinte posição:

1. Não julgamos o espírito ou as intenções dos fundadores e pais do Movimento G12, por não caber-nos tal responsabilidade e não conhecermos sua mente e consciência.

2. Reconhecemos que ao longo dos séculos, e especialmente no nosso, têm surgido propostas, modelos e métodos de "fazer igreja" e de evangelizar e ou de "fazer missões", algumas das quais com a pretensão de ser a "última revelação", "a última palavra", o "método final", mas todos foram marcados pela temporalidade e impermanência, pois, afinal de contas, os métodos variam e não é qualquer método que conta mas o homem. O "homem é o método de Deus", como lembrou com propriedade Edward M. Bounds.

3. O G5, o G12, a "igreja em células", o modelo dos NEBs constituem modelos humanos, com o propósito de promover a atuação da igreja no mundo, mas nenhum deles pode arrogar-se o status de revelação final ou método perfeito; todos são marcados pela falibilidade humana.

4. Nossas igrejas, para cumprirem o mandato recebido do Senhor, de "fazer discípulos de todas as nações", precisam de extroverter-se, conforme a igreja de Jerusalém que se reunia "no templo e nas casas", adotando estruturas leves, de pequenos grupos nos lares. Mas sem perder de vista sua unidade e integridade. Para tanto os grupos nos lares, seja qual for o nome adotado, devem ser dirigidos por pessoas espiritual, moral e intelectualmente capazes, preparados pelos pastores e orientadas a conduzir estudos sobre os mesmos temas, a comunicar as mesmas doutrinas, a conduzir o povo de Deus à firmeza na fé, à comunhão, à santidade e ao serviço.

5. Não aprovamos o modelo G12, já no chamado "Encontro Tremendo", que emprega métodos e procedimentos que vêm ao arrepio dos princípios e ensinamentos das Santas Escrituras; já na compreensão de que todos os crentes são potencialmente líderes, pois isso contraria a diversidade de dons a que a Bíblia ensina e a experiência eclesial comprova. Nem todos receberam o Dom de liderar, mas todos com certeza receberam dons que os habilitam a servir no corpo de Cristo.

Nossa exortação e recomendação

1. Exortamos pastores e igrejas a cumprirem o que ordena Paulo aos tessalonicenses: "Examinai tudo, retende o bom"; mas nunca venham a adotar e apregoar, como definitivo e de valor absoluto, qualquer método, modelo ou programa de igreja que eventualmente tenha produzido frutos noutras culturas e outros lugares. Cada método ou modelo deve ser confrontado com os princípios bíblicos e, se passar por esse crivo, deve ser ajustado à realidade de cada igreja.

2. Recomendamos que o G12, como qualquer modelo de igreja em células ou grupos nos lares, deve ser rejeitado quanto à sua pretensão de revelação final de Deus para a Igreja hoje; mas pode ser aproveitado, em princípio, naquilo em que não conflita com as Escrituras e a teologia e eclesiologia que delas decorrem e nós adotamos como povo cristão, evangélico e batista.

Pr. Irland Pereira de Azevedo (Relator)

UMA ANÁLISE DO MOVIMENTO G-12¹

reflexões de um pastor batista

Pr. Alberto Kenji Yamabuchi²

INTRODUÇÃO

Recebi o convite de nossa digníssima Ordem dos Pastores Batistas para tratar do tema “Uma análise do movimento G-12” com alegria e temor. Com alegria, pois é sempre uma honra servir à denominação. Com temor, pois julgo que eu não tenha todas as condições necessárias para trabalhar esse assunto tão discutido em nosso meio nesses últimos tempos. Não obstante, espero, com a ajuda do Senhor nosso Deus, atender às expectativas dos prezados colegas de ministério.

Este trabalho reúne as minhas reflexões sobre o tema à luz do meu conhecimento da prática pastoral batista. Não pretendo aqui ferir ninguém e nem menosprezar o direito e a liberdade que cada indivíduo goza no que diz respeito à sua consciência e à manifestação de sua fé. Até porque tal procedimento, além de ser deselegante, feriria o que está assegurado pela *Constituição Brasileira* que em seu artigo 6º declara:

É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as liturgias.³

Creio ser desnecessário lembrar que esse artigo encontra eco em um de nossos princípios batistas: o da liberdade religiosa e de consciência do indivíduo. A esse, podemos acrescentar o princípio da igreja como comunidade local, democrática e autônoma, porque nós, batistas, sempre legitimamos as decisões tomadas por qualquer igreja local em suas assembleias legais.

Referi-me a esses princípios batistas nesta introdução para expor a minha preocupação e o meu cuidado nos meus comentários sobre o Movimento G-12, porque sei que há casos de pastores e igrejas de nossa Convenção Batista Brasileira que aderiram – no linguajar do G-12 – à “visão” de células. Pretendo apenas, com as minhas reflexões, fazer um apelo à razão através do apontamento das implicações desse movimento na teologia prática batista.

Para apresentar um trabalho mais aprofundado sobre o G-12, creio que o pesquisador mais capacitado para essa tarefa é o pastor PAULO ROMEIRO,⁴ doutor em Ciências da Religião e um dos maiores apologistas cristãos da atualidade.

¹ Mensagem proferida na reunião mensal da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil - Seção do Estado de São Paulo no dia 29 de março de 2004.

² Inscrito na OPBESP sob o no. 1641, faz parte da equipe pastoral da Igreja Batista em Vila Gerte, São Caetano do Sul – SP, professor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, bacharel em Ciências Contábeis pela Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo, bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo, Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e doutorando em Ciências da Religião. Publicado com autorização ©.

³ Constituição da República Federativa do Brasil, Brasília, Senado Federal, 1988, p. 5.

⁴ Ver ROMEIRO, Paulo. *G-12: igrejas em células*. São Paulo: AGIR, 2000.

Por isso, não investirei tempo na explanação dos detalhes do G-12, até porque ao longo destes últimos anos, esse movimento tem sofrido alterações na forma e na ideologia. Reconheço que ainda há muita desinformação, boatos e distorções sobre o G-12. No entanto, há também muitos dados bem conhecidos e documentados sobre esse movimento. Procurei, então, firmar minhas reflexões e considerações finais sobre aquilo que a maioria das minhas fontes de pesquisa concorda. Também busquei não valorizar as histórias não comprovadas que vieram ao meu conhecimento durante a minha pesquisa sobre o assunto.

Assim, este trabalho consiste principalmente da exposição resumida e comentada das principais características do G-12 e de algumas conclusões que tirei do meu trabalho “G-12 – Novo Discipulado ou Novo Movimento Religioso?”,⁵ que apresentei em cumprimento às exigências da disciplina *Novos Movimentos Religiosos* do Curso de Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, em Junho de 2001.

I – G-12

Quando estudamos os novos movimentos religiosos que surgem em nosso meio, observamos a profunda necessidade que o homem tem de lidar com o sobrenatural. Apesar da cultura secularizada transmitida pelas últimas gerações, é impressionante como cresce esse interesse da sociedade pelo divino, pelo transcendental.

Essa busca pelo sobrenatural pode ser o resultado da constante insatisfação espiritual do homem pós-moderno, geralmente inclinado a rejeitar as tradicionais formas de se lidar com o sagrado, cujo poder está nas mãos da religião oficial e por isso contra ela se rebela. E isso é percebido também no meio cristão, como bem observa um grupo de pastores presbiterianos que analisou o Movimento G-12:

*Cremos que os movimentos religiosos, em pequena ou larga escala, ganham corpo como vozes de insatisfação contra o cristianismo vigente incluindo a fragilidade das convicções doutrinárias e a distância entre a proclamação da verdade teórica e da praticidade da mensagem.*⁶

Segundo o coração de alguns, um novo universo simbólico e sagrado precisa ser construído, explorado e experimentado contra uma aparente esterilidade do cristianismo histórico, para dar um sentido diferente à vida. Mas até mesmo essa procura é marcada pela superficialidade, pois o interesse está focado na satisfação imediata de necessidades mais mundanas que espirituais. Não é à-toa que essa busca do “novo” em termos espirituais provoca uma tal agitação no mundo religioso, que poderia ser classificada entre as grandes forças sociais de nossa época.

Dentre as novas agitações espirituais no meio cristão, destacamos aquelas que vêm do movimento neopentecostal. No Brasil existem ramos do

⁵ YAMABUCHI, Alberto Kenji. *G-12 – Novo Discipulado ou NMR?* Monografia. S. Bernardo do Campo: UMESP, 2001.

⁶ *G-12: uma tentativa de análises*. <<http://www.nbz.com.br/igrejavirtual/estudos/g12>>. 01.03.2004.

neopentecostalismo que, na ânsia de se buscar o sagrado de forma diferenciada e/ou de atrair uma multidão de fiéis, tentam dialogar tanto com o cristianismo histórico (catolicismo-romano, protestantismo) como com o misticismo e esoterismo (Nova Era, religiões afro-brasileiras). Além disso, esses ramos têm um forte discurso proselitista, quase manipulador, que atrai os sedentos por novidades místicas, o que explica o seu crescimento notável e seu avanço em todos os segmentos de nossa sociedade.⁷ E foi dentro dos arraiais do neopentecostalismo que encontramos a origem do Movimento G-12.

Embora importado de outro país latino-americano, a Colômbia, o G-12 encontrou no Brasil, principalmente no meio neopentecostal, terra fértil para o seu crescimento. A versão brasileira caracteriza-se pelo tom fundamentalista em suas pregações, com ênfase na experiência pessoal, além de forte misticismo em suas práticas pastorais. Em pouco tempo, o G-12 das igrejas neopentecostais alcançou os fiéis de algumas igrejas cristãs históricas.

1. O que é o G-12?

O G-12 é um “novo” movimento que se introduziu inicialmente no seio do neopentecostalismo, com o propósito de provocar o crescimento das igrejas evangélicas através de pequenos grupos conhecidos como células. Essas células atuam em reuniões nas casas dos fiéis e geralmente são compostas por doze pessoas. O número doze refere-se ao modelo do discipulado de Jesus Cristo, que separou para si doze homens para instrução, capacitação e testemunho das Boas Novas.

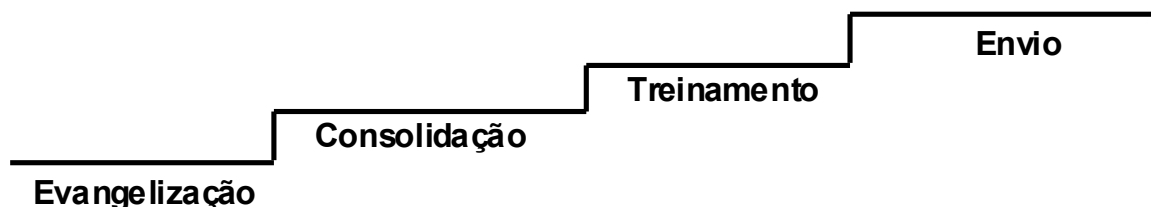
O G-12 nasceu de uma visão do pastor César Castellanos Dominguez, pastor-fundador da “Missão Carismática Internacional” da Colômbia. Castellanos afirma ter recebido essa “nova e direta” revelação de Deus a respeito da Igreja cristã do novo milênio, no ano de 1991. Segundo esse pastor, o G-12 é o novo e último modelo de crescimento para a Igreja. Castellanos afirma que:

“... o princípio dos doze é um revolucionário modelo de liderança que consiste em que a cabeça de um ministério seleciona doze pessoas para reproduzir seu caráter e autoridade neles para desenvolver a visão da igreja, facilitando assim a multiplicação; essas doze pessoas selecionam a outras doze, e estas a outras doze, para fazer com elas o mesmo que o líder fez em suas vidas”.⁸

O modelo dos 12 funciona como um processo de crescimento espiritual e ministerial, que é chamado de “Escada do Sucesso”. Ele compreende quatro degraus ou **etapas**:

⁷ Por exemplo, a *Revista Superinteressante* de Fevereiro de 2004 registra que a IURD do bispo Macedo, fundada em 1977, possui hoje 2,1 milhões de fiéis com uma taxa de crescimento anual de 25,7%!

⁸ CASTELLANOS, César. *Liderazgo de éxito a través de los 12*. Bogotá: Ed. Vilit, 1999, p. 148 *apud* SALGADO, Josué Mello. *Dessacralizando a “visão”*: uma abordagem crítica e desmistificadora do movimento “G-12”. Brasília: [se], [sd], p. 1.



A *Evangelização* ocorre nas células. O número base é de 12 participantes por célula. Quando a célula alcança o número de 24 pessoas em suas reuniões, ela precisa se subdividir para manter o número 12. A célula é responsável pelo ensino e formação dos discípulos. Os cultos no templo da igreja se transformam em celebrações.

A *Consolidação* é a etapa da confirmação da fé do indivíduo. Isso ocorre nos encontros. Lá, o novo convertido passa pela libertação e quebra de maldições. Nesses encontros, a pessoa também é doutrina na visão dos 12. São três tipos de encontros: o pré-encontro, o encontro e o pós-encontro. Os líderes de células são formados nesses encontros.

O *Treinamento* é oferecido pela *escola de líderes* de cada igreja. Os novos discipuladores são capacitados para dirigir as células e difundir a visão dos 12. Cada seguidor do G-12 tem uma meta de 144 discípulos.

O *Envio* é a etapa final, quando os novos líderes assumem a liderança de grupos em células, com a missão de preparar outros discipuladores.

Além dos encontros, vários eventos também são realizados para promover o G-12. Por exemplo, em Junho de 2000, em Sumaré, no interior de São Paulo, foi realizado o "I Congresso Nacional do G-12" com mais de mil participantes. Esse congresso foi organizado pela Igreja do Evangelho Quadrangular, "a primeira grande denominação brasileira a aderir oficialmente ao movimento".⁹ Essa denominação neopentecostal possui 1,3 milhão de fiéis e está entre as cinco maiores igrejas evangélicas do Brasil, segundo a revista *Superinteressante*.¹⁰ A "II Convenção Anual no Brasil de Igrejas em Células no Modelo dos 12" aconteceu no Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, entre os dias 29 de junho e 2 de julho de 2000 e contou com mais de nove mil participantes. Nos dias 6 a 9 de julho de 2000 foi realizado o "I Congresso de Crescimento da Igreja na Visão Celular" em Volta Redonda, no Estado do Rio de Janeiro. O preletor foi o pastor¹¹ Renê Terra Nova, de Manaus – AM, "... pastor que tem influenciado a igreja evangélica brasileira com divulgação da visão da Igreja Celular no Modelo dos 12".¹² Esses eventos provam o quanto tem crescido o movimento em solo brasileiro.

⁹ FERNANDES, Carlos. G-12: revolução ou heresia? *Edésia*. Ano V, no. 57, p. 19.

¹⁰ GWERCAMAN, Sérgio. Evangélicos. *Superinteressante*. Edição 197, p. 61

¹¹ Terra Nova e sua esposa Ana Marita ostentam hoje o título de apóstolos conforme <<http://www.mir.org.br>>. 01.03.2004.

¹² MACHADO, Rubem. *Folha Mundial*. Ano I, no. 3, p. 2.

Os maiores representantes do G-12 no Brasil são: Renê Terra Nova, Valnice Milhomens e Roberto Tavares¹³. Segundo a Revista *Eclésia*, esses três líderes brasileiros fazem parte do seletivo “grupo de 12 diretamente ligado ao líder colombiano”¹⁴ e são os divulgadores oficiais da visão G-12 no Brasil.

2. Referenciais teológicos do G-12.

O G-12 ampara suas práticas em ênfases teológicas que combinam liderança carismática, fundamentalismo cristão, doutrinas neopentecostais, manipulações psicológicas e misticismo. Essa abrangência facilita a cooptação de novos adeptos, a maioria proveniente de outras igrejas cristãs. Além disso,

*O G-12 é um movimento que não propõe a filiação de seus participantes à igreja realizadora do evento. É possível ser um dos doze de algum discipulador e permanecer membro de uma igreja histórica que não tenha se enquadrado no modelo, por exemplo. Dessa forma, o movimento, através de seus Encontros, tem uma penetração mais eficiente no seio das igrejas, e permite aos líderes da região exercer controle sobre membros de outras igrejas sem que eles se desvinculem das mesmas.*¹⁵

Se for assim, podemos entender como a visão dos 12 consegue encontrar, sutilmente, lugar em meio às nossas fileiras.

Segundo ROMEIRO,¹⁶ o G-12 tem em Kenneth Hagin, um expoente da Teologia da Prosperidade, e em Peter Wagner, um “especialista” em guerra espiritual, os seus referenciais teológicos principais. Kenneth Hagin é também o referencial de R. R. Soares, cujos programas televisivos têm alcançado de maneira impressionante a atenção do povo evangélico.¹⁷ Os ensinamentos de Soares encontram eco no movimento G-12.

Quanto ao modelo de igrejas celulares, “o líder colombiano confessa que foi grandemente influenciado por David (Paul) Yonggi Cho, da Coreia”.¹⁸ Castellanos “visitou a Coreia em 1986 e, por sete anos, trabalhou com o sistema de células de Cho. A partir das experiências com os pequenos grupos de Cho, Castellanos incrementou (em 1991) uma nova estratégia”.¹⁹ Segundo a Revista *Eclésia*, a igreja de Cho, a “Full Gospel Church” na Coreia do Sul, era, em 2000, a “maior igreja

¹³ O nome de Tavares não consta na lista publicada em 20.02.2002 na <<http://www.mir.org.br/atual/at200202.htm>> de 01.03.2004. Em seu lugar consta o nome de Sinomar Fernandes.

¹⁴ FERNANDES, Carlos. *Opus cit*, p. 19.

¹⁵ BATISTA, Jôer Corrêa. *Movimento G-12: uma nova reforma ou uma velha heresia?* Fides Reformata 5/1 (2000). <<http://www.mackenzie.com.br/teologia/fides/vol05>>. 01.03.2004.

¹⁶ ROMEIRO, Paulo. *Opus cit*, p. 5.

¹⁷ YAMABUCHI, Alberto Kenji. *Cura e poder na teologia de R. R. Soares: uma análise crítica à luz da Teologia Prática*. S. B. Campo: UESP, 2002.

¹⁸ Idem, idem, p. 2.

¹⁹ STEPHANINI, Valdir. *Análise crítica do movimento G12*. <http://www.batistas-es.org.br/analise_critica_g12>. 01.03.2004.

evangélica do mundo, com mais de 600 mil membros”,²⁰ e tinha atingido essa marca usando o modelo de células ou grupos familiares. Nessa mesma época, Castellanos pastoreava uma igreja com “170 mil membros e 15 mil células, ou grupos familiares”.²¹

O G-12 estabelece a forma episcopal de governo da igreja e assim estimula a construção de uma pirâmide hierárquica e centralizadora de poder. Isso está bem distante do nosso modelo eclesial batista.

3. Principais características do G-12.

(a) Exclusivismo.

O G-12 é, para seus defensores, a última solução para a Igreja do novo milênio. Por isso, para eles, o movimento merece toda a atenção e exclusividade. O próprio Castellanos reforça essa idéia em seu depoimento:

*Em várias oportunidades encontrei-me com alguns dos convertidos em diferentes lugares, que me diziam: “Pastor, eu conheci o senhor na missão, mas estou congregando em tal igreja”. Eu dizia: “Amém, glória a Deus, esta alma não se perdeu, está sendo edificada!” No entanto, chegou o dia em que **Deus chamou minha atenção, dizendo-me: “Estás errado; essa alma eu a trouxe à tua igreja. Se tivesse querido mandá-la a outra igreja tê-lo-ia feito. Enviei-a para ti para que cuides dela e espero que me respondas.**”²² [grifo meu]*

Essa atitude tem implicações soteriológicas: para os gedozistas, a salvação de alguém só estará garantida se foi conquistada nos encontros através da regressão, quebra de maldição, cura interior, negando assim o sacrifício perfeito de Cristo no Calvário.²³

Para o G-12, os demais modelos eclesiais são, de certa forma, desprezados como se pode verificar nas palavras entusiasmadas de Castellanos:

*A frutificação neste milênio será tão incalculável, que a colheita só poderá ser alcançada por aquelas igrejas que **tenham entrado na visão celular. Não há alternativa: a igreja celular é a igreja do século XXI.***²⁴ [grifo meu]

O problema desse exclusivismo é a possível tendência à arrogância e àquilo que CAMPOS chama de “vedetismo pastoral”.²⁵ Provavelmente muitos líderes não estão percebendo que, quando saem em defesa do G-12, ficam reféns de suas

²⁰ FERNANDES, Carlos. *Opus cit*, p. 18.

²¹ SALGADO, Josué Mello. *Opus cit*, p. 1.

²² CASTELLANOS apud LIMA, Paulo César. *O que está por trás do G-12: o que é, suas doutrinas, seus métodos, o que pretende*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000, p. 32.

²³ LIMA, *opus cit*, p. 39.

²⁴ CASTELLANOS apud ROMEIRO. *Opus cit*, p. 5.

²⁵ CAMPOS, Leonildo S. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. S. Bernardo do Campo: Vozes, 1999, p. 98.

próprias palavras que os lançam nas redes da vaidade e do orgulho. Por exemplo, um certo pastor Joel Pereira, em entrevista a um periódico evangélico, declarou:

O meu aproveitamento da Igreja era uma porcentagem de 33% de cada convertido, ou seja, cada 100 que eu convertia eu batizava 33, 34, era uma média muito ruim. Hoje eu tenho uma média de quase 100% de aproveitamento. ²⁶ [grifo meu]

Seria ele o responsável direto pela conversão e batismo das pessoas? Talvez esse pastor nem tenha conscientemente pensado da maneira como interpretei suas palavras, mas é certo que seu testemunho pode gerar um certo constrangimento. A leitura que o povo simples pode fazer de sua declaração vai ao encontro de uma autoridade espiritual poderosa e inquestionável: o “ungido intocável”. Aliás, prega-se muito sobre a obediência à autoridade espiritual. O que é ser obediente segundo a visão do G-12?

É ter submissão à autoridade legítima; é se sujeitar e ter docilidade (dicionário Michaelis). Obedecer também não é concordar. Quantas vezes você não concordou com seu chefe, mas teve que obedecer?

A obediência tem um limite: até a morte (Fp 2:5). Não é para estabelecermos nossas próprias cláusulas, artigos, etc. Se procedermos em obediência sempre, teremos uma recompensa tremenda: seremos exaltados. ²⁷

Há um outro exemplo desse “vedetismo pastoral”: um pastor de nossa Associação Batista do ABC, ao defender sua adesão ao G-12, declarou do púlpito de sua igreja que não faria parte de nenhum ministério aquele membro que não concordasse com a mudança da sua igreja para a visão celular. Quando foi questionado no campo doutrinário, afirmou que ninguém naquela igreja conhecia mais teologia do que ele. ²⁸ Sua igreja se dividiu. É comum encontramos igrejas divididas por causa da visão dos 12. Os exemplos mais recentes são os casos das igrejas batistas de Barretos e Rinópolis conforme o Jornal *O Batista Paulistano*. ²⁹

O próprio Castellanos também cai no mesmo vedetismo. Sendo, segundo ele mesmo, o “único” a receber de Deus a visão celular, ele entende que pode escolher e reunir ao redor de si doze discípulos “mundiais” ³⁰ entre os quais estão os representantes brasileiros do G-12 que também são, do ponto de vista sociológico,

²⁶ MACHADO, Rubem. *Folha Mundial*. Ano I, no. 4, p. 16.

²⁷ *Estudo para o G-12: Obediência e renúncia: requisitos para um líder de êxito – Parte 2*. <<http://www.mir.org.br>>. 01.03.2004.

²⁸ DOSSIÊ DA PIB BAETA NEVES. Associação Batista do ABC e Ordem dos Pastores Batistas do Brasil – Seccional ABC, Novembro de 2003.

²⁹ ROCHA, Vieira. Alguns estragos do G12 e de suas “renovações”. *O Batista Paulistano*. Ano 95, no. 1, p. A5.

³⁰ Os 12 internacionais já escolhidos por Castellanos pertencem aos seguintes países: Austrália, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Escócia, Inglaterra, Itália, Coréia, Peru, Portugal, Porto Rico, República do Casaquistão, Suíça e Estados Unidos. São 15 países e não 12 porque, segundo Castellanos, “serão levantados vários grupos de 12 internacionais”. <<http://www.mir.org.br/atual/at200202.htm>>. 01.03.2004.

líderes altamente carismáticos. Faria Castellanos o papel de Jesus, já que existem 12 subordinados a ele? Ele mesmo ensina que o G-12 é:

*Um revolucionário modelo de liderança que consiste em que a cabeça de um ministério seleciona doze pessoas para reproduzir seu caráter e autoridade neles para desenvolver a visão da igreja..*³¹

Se Castellanos é a cabeça do ministério, da visão do G-12, a quem ele se reporta? É muito tênue a fronteira entre tal disposição de liderança e aquilo que chamamos de messianismo. DESROCHE³² ensina que há um tipo de fenômeno messiânico chamado “messias pretendido”, que é aquele em que o líder não reivindica diretamente para si o título de messias. Esse título lhe é atribuído pelos seus discípulos que podem chegar a mitificar sua pessoa, enquanto ainda personagem historicamente presente no cenário religioso. Uma das características de um messias, conforme DESROCHE, é a sua auto-deificação – no princípio negada, mas assumida de forma progressiva até alcançar uma consciência de messianidade. Exagero? Talvez. Mas não podemos deixar de imaginar que o modelo dos 12 oferece condições para esse risco.

Geralmente um fenômeno messiânico é precedido por um fato espiritual “explosivo”: uma profecia, uma visão, um sonho. A revelação de Deus a Castellanos foi assim descrita por ele:

*Pedi a direção do Senhor, e Ele prometeu dar-me a capacidade de preparar a liderança em menos tempo. Pouco depois abriu um véu em minha mente, dando-me entendimento em algumas áreas das Escrituras, e perguntou-me: “quantas pessoas Jesus treinou?” Começou desta maneira a mostrar-me o revolucionário modelo de multiplicação através dos doze. Jesus não escolheu onze nem treze, mas sim doze.*³³

Castellanos diz ter recebido essa revelação especial de Deus e parece também ser capaz de oferecer as mensagens divinas aos seus discípulos mundiais, como podemos verificar em sua “profecia” dada ao pastor Terra Nova, em Porto Seguro, Brasil:

O Espírito do Senhor diz: porquanto tens tido sempre em teu coração o desejo de amar meu povo Israel, de abençoá-los e de mover as pessoas para que amem o meu povo, Eu te abençoo. E parte da bênção que tenho te dado é que entendas a visão. Filho, não temas nem as críticas, nem aos elogios, porque tenho te dado ouvidos, mas quero que sejam surdos a toda crítica. Quero dizer-te que te levarei a outras nações. Tu estarás pregando na Europa, na África, na Itália; também te levarei a Austrália, também pregarás no Japão, na China, na Rússia, ó

³¹ CASTELLANOS *apud* SALGADO. *Opus cit*, p. 1.

³² DESROCHE, H. *Dicionário de Messianismos e Milenarismos*. S. Bernardo do Campo: UESP, 2000, p. 32-37.

³³ CASTELLANOS *apud* ROMEIRO, *opus cit*, p. 3.

*filho, porque tenho me agradado. Siga avançando com a visão; não te detenhas, corra com êxito, avança, porque tenho te escolhido, diz o Espírito de Deus.*³⁴

A visão de Castellanos foi “canonizada” por seus adeptos, graças a profecias como essa acima. “A visão cura feridas, sara o povo e restaura o sacerdócio” (Renê Terra Nova); “este modelo é para todas as igrejas e veio para ficar” (Valnice Milhomens). O G-12 é “a única tábua de salvação para a igreja, o último movimento de Deus na terra, a única solução para a salvação das almas”.³⁵ Por isso, quem não aceita a visão do G-12 é praticamente anatematizado. Para os defensores do G-12, quem rejeita a visão está sob o domínio de satanás. Leiamos a resposta de Valnice Milhomens a um leitor que lhe perguntou por que as igrejas Renascer e Universal do Reino de Deus são contra o G-12:

*O motivo é falta de conhecimento do modelo. Satanás encarregou-se de entrar no meio para confundir, denegrir, afastar os pastores da visão. Ele anda extremamente nervoso porque ver todos os fins de semana milhares de vidas passando por uma profunda experiência de arrependimento, libertação, cura, enchimento do espírito ... é dose elevada para ele. Estamos em guerra cerrada contra o inferno. Vamos abençoar nossos amados irmãos que combatem a visão, orando: “Pai, perdoa-os porque não sabem o que dizem”.*³⁶

DESROCHE ensina também que há diferentes tipos de reinados messiânicos. Quero destacar o que ele escreve sobre o reinado do tipo religioso ou eclesiológico:

*É dominado por um projeto de reforma religiosa ou cultural. Mas esse projeto nunca deixa de ser acompanhado de uma greve sócio-religiosa mais ou menos radical contra o mundo existente. No mínimo, greve dos “cultos” dominantes. No extremo, venda de todos os bens e rejeição do trabalho, como no caso da expectativa adventista primitiva. Ocorre, com freqüência, o engajamento numa vida “fora do mundo” através da criação de conventículos.*³⁷

Observemos como o G-12 se afina com esse tipo de reino messiânico: em primeiro lugar, o G-12 se propõe ser a restauração da Igreja nos moldes da Igreja primitiva em Atos dos Apóstolos. Todos os demais modelos eclesiais são reputados como obsoletos ou ultrapassados. Os encontros tornam-se “conventículos”, em ambiente “fora do mundo”, onde os ensinamentos são cercados de mistérios e segredos.

Mesmo que essa relação com o messianismo seja negada por Castellanos e seus defensores, não se pode negar que existam traços característicos desse fenômeno na visão do G-12.

³⁴ CASTELLANOS. *Profecia no G-12, dada em Porto Seguro*: <<http://nbz.com.br/igrejavirtual/estudos/g12/profecia.htm>>. 01.03.2004.

³⁵ ROMEIRO, *opus cit*, p. 5.

³⁶ <<http://www.nbz.com.br/igrejavirtual/estudos/g12/questoes1.htm>>. 01.03.2004.

³⁷ DESROCHE, *opus cit*, p. 34.

Passarei agora às práticas e ensinamentos do G-12 em seus encontros.

(b) A prática da regressão psicológica.

Embora seja de natureza psicoterapêutica, não há consenso entre os profissionais da saúde mental sobre a eficácia da regressão psicológica na cura das pessoas. LIMA ensina que a regressão “como terapia, nada mais é do que evocar sentimentos, traumas, tensões, que ficaram retidos no inconsciente”.³⁸ No G-12, a regressão psicológica é realizada nos encontros, onde o líder poderá manipular as lembranças, emoções e traumas do neófito de tal maneira que todo o passado da pessoa será “levantado” para as devidas “correções espirituais”. Um “mapa espiritual” é elaborado após as sessões de regressão psicológica. O líder, então, tem em suas mãos informações importantes a respeito de seu discípulo e pode usá-las para orientar sua vida. Cria-se, com essa prática, um forte vínculo de dependência do neófito com o líder do grupo.

O grande problema são as pessoas que lidam com isso. Geralmente não são profissionais da área da saúde e, portanto, não têm o preparo adequado para lidar com os imprevistos que certamente surgirão nas sessões de regressão psicológica. Os prejuízos em termos emocionais podem ser irreparáveis.

A regressão está associada à cura interior.

(c) Cura interior.

A regressão psicológica prepara o campo para o que é chamado de “cura interior”. Nos encontros, procura-se explorar a experiência pré-natal, infância, adolescência e juventude da pessoa “para assim, com a ajuda do Espírito Santo e a Palavra de Deus, ministrar libertação e sanidade interior ao novo (convertido)”.³⁹ Assim, pretendem que problemas como a rejeição na gravidez, na infância ou na adolescência recebam tratamento espiritual durante as sessões de regressão e de cura interior nos encontros do G-12. O problema é o mesmo da regressão psicológica: não há garantias de que as pessoas sejam curadas por esse método, até porque os responsáveis pela “ministração” muitas vezes não são habilitados para isso.

(d) Deificação do homem.

LIMA trata do assunto da deificação do homem em sua obra no capítulo três sob o interessante título “A louca mania de querer mandar em Deus”.⁴⁰ Segundo esse autor, a palavra de ordem nos encontros é: “Eu determino...”, “Eu declaro...”, ou “Eu ordeno... em nome de Jesus Cristo”. Ele mesmo registra o seguinte (sem citar a fonte):

³⁸ LIMA, *opus cit*, p. 45.

³⁹ CASTELLANOS *apud* SALGADO, *opus cit*, p. 3.

⁴⁰ LIMA. *Opus cit*, p. 49-55.

Toda a estrutura do animismo, feitiçaria e demonismo consiste exatamente na busca de controlar, manipular, domesticar forças sobrenaturais. ⁴¹

Assim, conclui-se que essa atitude espiritual tem mais ligações com as religiões pagãs, onde os sacerdotes imaginavam poder controlar as suas divindades por meio de fórmulas mágicas ou encantamentos.

Essa relação entre o homem e o sagrado encontra luz na descrição que RUDOLF OTTO ⁴² faz sobre o numinoso. Para OTTO, o numinoso ou o sagrado é o *mysterium tremendum et fascinans*. Esses três elementos são presentes na religião, sendo que: (a) *mysterium* é o Outro que atrai e repele ao mesmo tempo. Ele é transcendente e imanente. Distante e presente. É totalmente desconhecido; (b) *tremendum*: o temor, a majestade, a energia e (c) *fascinans*: a atração pelo sagrado. Ou seja, ao mesmo tempo em que o homem teme o sobrenatural, ele é atraído pelo mesmo e vai ao seu encontro, procurando interagir com o sagrado.

O movimento G-12 oferece esse contato com o sobrenatural através da deificação do homem, que o coloca praticamente em pé de igualdade com Deus.

(e) Confissão positiva.

Um dos exemplos mais destacados que contribuem para a afirmação que o G-12 abraça a doutrina da Confissão Positiva de Kenneth Hagin é o uso do termo grego *rhema* (palavra). Na língua grega há dois termos para o vocábulo “palavra”: *logos* e *rhema*. Os líderes do G-12 – bem como outros neopentecostais – fazem questão de distinguir os dois termos: *rhema* é a palavra que os crentes usam para *decretar ou declarar* e *logos* é a palavra da revelação de Deus (que pode incluir a Bíblia). É nesse termo que reside o poder de mudar as coisas. O crente pode abençoar ou amaldiçoar alguém se utilizar o *rhema*. ROMEIRO entende que o uso do “poder” do *rhema* pode ser comparado ao *abracadabra* dos meios mágicos.

Dentro desse item temos também a *renúncia*, que é a “rejeição aos conceitos, hábitos e costumes da vida cristã que até então se professava”. ⁴³ Como os gedozistas dão muito valor ao poder da palavra proferida, a renúncia se torna uma forma de se “firmar” na visão, ao mesmo tempo em que se despreza todo o histórico de vida espiritual da pessoa. Assim, por vezes muitos invalidam sua experiência de conversão e a validade de seu batismo anteriores ao contato com a visão dos 12.

(f) Teologia da Prosperidade.

A afirmação de que Deus é o “dono de todo ouro e de toda prata” torna seus filhos os herdeiros de toda a riqueza material que puderem alcançar em vida. Aliás, os discípulos não são chamados de “filhos de Deus”, mas de “filhos do Rei”. Uma exagerada confiança na prosperidade material é a característica dessa teologia. O “ter” é sinônimo de fé legítima e de aprovação divina.

⁴¹ Idem, idem, p. 49.

⁴² OTTO, Rudolf. *O sagrado*. S. B. Campo: Imprensa Metodista, 1985.

⁴³ Ibidem, p. 40.

A Teologia da Prosperidade não diz respeito apenas à riqueza material, mas também à saúde física perfeita. As enfermidades são sinais de pecado ou de domínio satânico. Por isso, o doente, seja convertido ou não, precisa passar por “libertação”, ou seja, precisa ser exorcizado para gozar a vida como filho do Rei.

(g) Triunfalismo.

O triunfalismo é o modo de pensar que está muito ligado à Confissão Positiva e à Teologia da Prosperidade. Lima ensina que “o triunfalismo, em geral, faz as pessoas pensarem de si mesmas além do que realmente são”.⁴⁴ Cria uma espécie de *supercrentes*. O texto bíblico predileto dos triunfalistas é aquele que fala sobre a promessa de Deus em permitir que seu povo seja “cabeça e não cauda” (Dt 28:13). A fragilidade da natureza humana é desprezada. Nenhuma derrota é admitida. Nenhum fracasso. Isso seria sinal de falta de fé. O perigo desse modo de pensar está nos possíveis prejuízos gravíssimos para a saúde espiritual, mental e física das pessoas envolvidas.

(h) Guerra espiritual.

O homem quando passa por crises tem a tendência de responsabilizar alguém ou algo pelas adversidades da vida. No G-12, o diabo é o principal culpado pelo sofrimento humano. Daí a necessidade de guerrear contra ele e, para tanto, é necessário equipar-se militarmente contra as hostes infernais. Demônios são identificados (praticamente são invocados) e o exorcismo se processa mediante uma pantomima mística: punhos cerrados, gritos de guerra, etc. Assim, nessa “guerra”, o homem deixa de ser vítima do ataque demoníaco e passa a ser um “guerreiro espiritual”.

Há tanta preocupação com a pessoa e obra do diabo que o movimento praticamente o coloca em pé de igualdade com Deus. Essa perspectiva maniqueísta distorce o conceito da Onipotência de Deus.

A responsabilidade humana pelo pecado também é praticamente descartada. Assim, por exemplo, aquele que adulterou, na verdade não foi diretamente responsável pelo seu pecado, mas sim o “espírito maligno do adultério” que precisa ser exorcizado. E esse exorcismo, ou “libertação”, precisa ser realizado tantas vezes quantas forem necessárias até que a pessoa se torne livre da ação do maligno em sua vida.

Outras práticas na guerra espiritual travada nos encontros: queima de objetos, roupas, livros que possam estar de alguma maneira “ligados” aos demônios, utilização de óleo, fórmulas especiais para exorcizar certos demônios, por exemplo, a necessidade de se conhecer o nome do demônio que está possuindo a pessoa, etc. Aliás, essa “necessidade” de se identificar o demônio que atormenta a vida de alguém pelo nome, para então exorcizá-lo, cria uma certa neurose que LIMA chamou de *neurose da sensibilidade extrasensorial*.⁴⁵ Trata-se da tendência do indivíduo em demonizar tudo que está ao seu redor. Em outras palavras, ele “vê demônio em tudo”.

⁴⁴ LIMA, *opus cit*, p. 71.

⁴⁵ *Idem, idem*, p. 81.

(i) Maldição hereditária.

A maldição hereditária é aquela que acompanha uma família através das gerações, e que se originou com uma palavra (*rhema?*) contrária proferida por autoridade espiritual que “autorizou” o diabo a prejudicar alguém e sua descendência ao longo do tempo. Assim, se em uma família existe um alcoólatra, conclui-se que sempre houve e haverá um histórico de alcoolismo em suas gerações, porque um ancestral com autoridade espiritual amaldiçoou sua família, liberando o diabo para causar tais danos. Daí a necessidade de se “quebrar” essa maldição através dos rituais exorcistas. O espírito maligno familiar é invocado para declarar sua missão, quem o invocou e assim ser expulso da vida daquela família.

As pessoas também são obrigadas nos encontros a confessar seus pecados até mesmo cometidos no ventre materno para quebrar os vínculos do passado. Pode-se confessar pecados cometidos por antepassados para que haja a quebra da maldição.

Todas essas crenças contrariam a Palavra de Deus (veja 2 Co 5:17; Jr 31:29-30; Ez 18:2-3, 20).

(j) Os encontros.

Os encontros são assim classificados: (1) pré-encontro: palestras preparatórias para o encontro; (2) encontro: retiro espiritual de cerca de 3 dias e (3) pós-encontro: dura cerca de 3 meses onde são oferecidas palestras para consolidação do que foi aprendido no encontro.

Os encontros estão envoltos em mistério para quem nunca participou deles. É vedado ao adepto do G-12 revelar o que acontece nesses encontros. “O encontro foi tremendo!” é a única informação permitida para conhecimento público sobre o evento.

Tudo o que vimos anteriormente se pratica nos encontros promovidos pelos adeptos do G-12. Os encontros são:

Retiros de três dias, durante os quais o novo crente compreende a dimensão exata do significado do arrependimento, recebe cura interior e é liberto de qualquer maldição que tenha imperado em sua vida. Logo a seguir se capacita como guerreiro espiritual, com a ministração do enchimento do Espírito Santo. [...] mediante conferências, palestras, vídeos e práticas de introspecção, se leva o novo convertido ao arrependimento, libertação de ataduras e sanidade interior.⁴⁶

O pr. Valdir Stephanini, da PIB de Cidade da Serra – ES, em sua *Análise crítica do Movimento G-12*, percebeu que os encontros do G-12 têm sua inspiração nos antigos cursilhos da Igreja Católica. Ele escreve:

⁴⁶ CASTELLANOS *apud* SALGADO, *op. cit.* p. 1.

*Falando sobre o Cursilho (que corresponde ao encontro do G12) o ex-padre Aníbal afirma: “consiste nos três dias, geralmente de Quinta a Domingo, de encontro pleno, atual e comunitário de cada pessoa com o fundamental católico **num ambiente de intensa emoção** visando cursilizar os participantes para integrá-los no movimento. [...] crises de choro provocadas com artifícios, clima próprio e nos moldes fascistas para condicionamento psicológico dos participantes aos objetivos clericais” (p. 22). “5 meditações, e há palestras de mais de 2 horas cada uma” (p. 23). (Citações do livro **Os Cursilhos de Cristandade por Dentro** do Dr. Aníbal Pereira dos Reis; São Paulo: 1973).⁴⁷*

O método dos encontros não é, portanto, nova revelação.

Mas segundo os gedozistas tradicionais, os encontros promovidos no Brasil sofreram alteração em comparação ao modelo de Castellanos. Na Colômbia,

“os encontros visam o evangelismo e o discipulado (sic) de novos convertidos e a preparação para a vida em células. Entretanto, ao ser transplantado para o Brasil, parece que o Movimento perdeu sua originalidade e os objetivos passaram a ser outros, focalizando especialmente os crentes, independente de sua denominação”.⁴⁸

Essa distorção tem sido motivo de críticas entre os próprios adeptos do movimento. Segundo os gedozistas conservadores, os encontros são apenas uma parte da visão dos 12 e não são o fim em si mesmos.

II – CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Mas ponham à prova todas as coisas e fiquem com o que é bom. 1 Ts 5:21 (NVI)

Nossa Convenção Batista Brasileira manifestou sua posição contrária ao movimento em declaração firmada em 23.10.2000, no Rio de Janeiro.⁴⁹ Está, portanto, muito claro para nós, batistas, que o G-12, com suas práticas e ensinamentos já considerados, não pode ser a “única solução para a salvação das almas” e nem a última resposta para a Igreja do século XXI.

No entanto, devemos respeitar e amar os irmãos que aderiram à visão dos 12. Nós nos opomos à visão dos 12 e não às pessoas. Não podemos levar a discussão para o campo pessoal. Apesar desse nosso amor, não podemos, porém,

⁴⁷ Fonte: <http://www.batistas-e-s.org.br/analise_critica_g12.htm>. 01.03.2004.

⁴⁸ Fonte: idem, idem.

⁴⁹ CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. *Movimento G12*
<<http://www.ejesus.com.br/onASP/exibir.asp?arquivo=3200>>. 01.03.2004.

mudar nossa opinião contrária ao G-12 porque rejeitamos suas ênfases teológicas e práticas estranhas e antibíblicas.

Mas é preciso reconhecer que apenas rejeitar o Movimento por sua fragilidade doutrinária não é atitude inteligente. Como o próprio apóstolo Paulo nos ensina, devemos provar tudo e ficar com o que é bom. Assim, há, sem dúvida, assuntos importantes para nós, batistas, que foram e estão sendo tocados pelo Movimento G-12 e que precisam ser levados em conta em nossa reflexão pastoral.

Em primeiro lugar, creio que toda a controvérsia causada pela visão dos 12 nos leva a pensar sobre o significado do discipulado para a Igreja de Cristo. Não importa o método do discipulado, se individual ou em grupo de 5, 10, 12 ou 100 pessoas. O que precisamos é cumprir cabalmente a Grande Comissão que inclui não somente o evangelizar como também o fazer discípulos (Mt 28:19-20). O discipulado também envolve a construção de relacionamentos pessoais. Isso é de valor fundamental, pois vivemos numa cultura de natureza tão individualista que facilmente promove a solidão entre as pessoas. Com tanta carência de relacionamentos profundos, o discipulado na igreja poderia ser, por exemplo, a alternativa para o problema da solidão. Outros problemas receberiam tratamento nas reuniões de pequenos grupos de discípulos. Para CLINEBELL,⁵⁰ a renovação e o enriquecimento de relacionamentos íntimos pessoais constituem aspectos importantes para a cura das pessoas. E ainda mais: o discipulado contribuiria para o crescimento sadio da Igreja.

Podemos também considerar o valor positivo dos encontros. Obviamente, não aprovamos o que se faz nesses encontros. Mas seria interessante pensarmos sobre a promoção de verdadeiros encontros espirituais em nossas igrejas, que envolvam principalmente os novos convertidos. Neles, poderíamos oferecer os pontos fundamentais da sã doutrina (nada de quebra de maldições, libertação, regressão psicológica, cura interior), além de outras informações importantes sobre nossa denominação. E é claro, estabeleceríamos uma maior comunhão com os novos irmãos.

Em segundo lugar, a agitação espiritual promovida pelo G-12 nos faz refletir sobre a necessidade de um avivamento genuíno no meio da Igreja. Observemos a avaliação dos pastores presbiterianos que, quando estudaram o G-12, afirmaram o seguinte:

Reconhecemos a necessidade de um avivamento genuíno no meio de nossa denominação para reacender a chama vocacional de pastores e líderes desestimulados e decepcionados vivendo uma mesmice espiritual agonizante; um avivamento genuíno da Palavra que traga o poder da cruz sobre a vida de pecado dos crentes cuja ética cotidiana se mistura com a normalidade social; um avivamento que restaure a vida das famílias e dos casais; um avivamento que coloque a paixão por evangelização tão rarefeita em nossas comunidades; [...] um

⁵⁰ CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento pastoral: modelo centrado em crescimento e libertação*. S. Leopoldo, RS: Sinodal, 1987, p. 51.

*avivamento que contradiga com a vida todas as doutrinas do evangelho de liquidação já presente no comércio da fé.*⁵¹

Embora esses pastores tenham avaliado a sua própria denominação, creio que essa necessidade de avivamento deva também ser reconhecida por nós, batistas. As características do verdadeiro avivamento são, segundo o pastor RUSSELL SHEDD,⁵² a adoração contínua, a comunicação sadia entre os discípulos, o serviço prestativo e humilde e um espírito grato, conforme Ef 5:19-21. Isso precisa ser buscado por nós, pastores, para que nossas igrejas experimentem um genuíno avivamento.

Em terceiro lugar, o movimento nos faz pensar sobre a inquietação que atinge o nosso povo por conta de tantas lutas que sofrem em sua vida diária. Será que muitos não estão se enveredando pelos caminhos do G-12 porque não estão encontrando respostas para os seus dramas em suas próprias igrejas? O que nós, pregadores, precisamos fazer para, sem abrir mão do sermão bíblico, apresentar tais respostas que venham ao encontro dos corações sedentos por consolo? A respeito disso, LIMA nos exorta:

*Precisamos, portanto, e com muita urgência, fazer uma nova leitura das necessidades reais do nosso povo e da sociedade ao nosso redor e pensar num meio de tornar as Boas Novas do Evangelho mais convincentes para o homem atual.*⁵³

Por último, o G-12 nos faz refletir sobre a qualidade do ensino doutrinário em nossas igrejas. BATISTA considera o seguinte:

*É importante lembrar que o movimento revela a fragilidade do ensino nas igrejas evangélicas. Um vento de doutrina, com ensinamentos tão destoantes da Escritura, sequer é notado por membros dessas igrejas. O problema se agrava ao considerarmos que novas ondas nos esperam. Que Deus nos conduza à fidelidade à sua Palavra e à responsabilidade de lutar pela fé evangélica (Jd 3-4).*⁵⁴

Que valor damos ao ensino doutrinário em nossas igrejas? Investimos nos professores e alunos da Escola Bíblica Dominical? Estamos realmente acompanhando os nossos vocacionados? Incentivamos o nosso povo a ler e estudar a Bíblia? Eles estão lendo bons livros? Que tipo de literatura “evangélica” está nas mãos dos membros de nossas igrejas? Nossa responsabilidade como pastores-mestres é muito grande e se negligenciarmos a nossa missão, o preço a ser pago será muito alto. Poderá custar o nosso ministério.

⁵¹ G-12: uma tentativa de análises. <<http://www.nbz.com.br/igrejavirtual/estudos/g12/ivo12.htm>>. 01.03.2004.

⁵² SHEDD, Russell P. *A Igreja Avivada*. Sermão pregado na IB Jdm IV Centenário, SP. 08.12.90.

⁵³ LIMA, Paulo César. *Op. cit.*, p. 31.

⁵⁴ BATISTA, Jôer C. *Movimento G-12: uma nova reforma ou uma velha heresia?* Fides Reformata 5/1 (2000). <<http://www.mackenzie.com.br/teologia/fides/vl05>>. 01.03.2004.

Bem, creio que o G-12, como qualquer outra novidade, vai passar logo e desaparecer, assim como tantas outras ondas no meio cristão. Outros novos movimentos surgirão. Resta saber se aprendemos o suficiente com as experiências que tivemos com o G-12 para proteger nossos rebanhos dos futuros ventos das heresias.

Que o Senhor da Seara nos ajude. Amém!

Dessacralizando a “Visão”

Uma abordagem crítica e desmistificadora do Movimento “G-12”

Dr. Josué Mello Salgado¹

“Para que não mais sejamos meninos, inconstantes, levados ao redor por todo vento de doutrina, pela fraudulência dos homens, pela astúcia tendente à maquinação do erro; antes, seguindo a verdade em amor, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo.” Efésios 4.14-15

“Não se dedignam, antes se prezam e gloriam, de assentar por suas mãos a coroa dos imortais na frente radiosa de um seu benemérito concidadão.” Latino Coelho, Cervantes, 160.

Todo o humano leva em si a marca da finitude, da limitação, da imperfeição. Só Deus é perfeito! Somos todos nós tendentes à maquinação do erro. É preciso, portanto, um espírito crítico de prontidão e de discernimento para não sacralizarmos o meramente humano; para não assentarmos por nossas mãos a coroa dos imortais na frente radiosa de um concidadão nosso, mas estamos sempre alertas. Os critérios para não sermos levados por todo vento de doutrina, são a verdade em combinação com o amor. A verdade não deve ser buscada em outro lugar senão na Palavra de Deus (Atos 17.11), e o amor deve ser o tempero e a motivação da nossa busca pela verdade.

Nesse trabalho pretendemos abordar criticamente o Movimento que tem sido chamado G-12, ou “Visão”. Trata-se do Movimento cujo fundador é César Castellanos Domínguez, pastor-fundador da “Missão Carismática Internacional” (igreja ou denominação?) cuja sede principal fica em Bogotá na Colômbia, e que segundo informações possui 170 mil membros e 15 mil células, ou grupos familiares. É preciso, entretanto, iniciar definindo os termos:

O G-12 – Castellano diz: “o princípio dos doze é um revolucionário modelo de liderança que consiste em que a cabeça de um ministério seleciona doze pessoas para reproduzir seu caráter e autoridade neles para desenvolver a visão da igreja, facilitando assim a multiplicação; essas doze pessoas selecionam a outras doze, e estas a outras doze, para fazer com elas o mesmo que o líder fez em suas vidas.”² O princípio de discipular pessoalmente alguns líderes da igreja, para que estes discipulem outros, não é novo (conf. O Plano Mestre de Evangelismo). O princípio está também contemplado em 2 Tm 2.2 “E o que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros.” O princípio não foi inventado por Castellanos.

O Programa Celular – É um modelo eclesiológico de células, ou a organização da igreja em pequenos grupos nos lares que se multiplicam quando crescem. Tal organização é, há muito, utilizada pelas igrejas evangélicas (ECOS, grupos familiares, NEBS, grupos de base etc...), como também pela igreja católica com as suas CEBs. Na Missão Carismática Internacional esses grupos são chamados de C.A.F.E. – Célula de Adestramento Familiar e de Evangelismo. Os grupos familiares são reconhecidos por todos os estudiosos em crescimento de igreja como uma estratégia eficaz de evangelização e crescimento da igreja.

Os Encontros – Castellanos explica: “São retiros de três dias, durante os quais o novo crente compreende a dimensão exata do significado do arrependimento, recebe cura

¹ Pastor Titular da Igreja Memorial Batista de Brasília, DF. Doutor em Teologia. Publicação autorizada ©.

² Castellanos, Liderazgo de éxito, 148

interior e é liberto de qualquer maldição que tenha imperado em sua vida. Logo a seguir se capacita como guerreiro espiritual, com a ministração do enchimento do Espírito Santo.”³ São retiros espirituais nos quais “mediante conferências, palestras, vídeos e práticas de introspecção, se leva o novo convertido ao arrependimento, libertação de ataduras e sanidade interior.”⁴ São parte da estratégia de Castellanos para a conservação dos novos convertidos e integração dos mesmos na sua igreja. Em algumas de suas estratégias os encontros, copiam os encontros de Casais (segredo, impacto intensivo e seqüencial etc...).

Resumindo, o G-12 é apenas mais um modelo de discipulado, o programa de células, mais uma estratégia de grupos nos lares (Castellanos confessa que buscou inspiração no modelo de David Yonggi Cho⁵) e o encontro é simplesmente a estratégia de Castellanos para integrar plenamente os novos convertidos à sua Missão, ou seja os encontros eram originalmente uma Classe de Catecúmenos Intensiva (Classe de Novos Convertidos). A internacionalização do movimento de Castellanos (daí Missão Carismática Internacional) provocou alterações no plano original transformando o encontro em estratégia para a conquista de adeptos para o seu movimento, i.é., não apenas de novos convertidos mas especialmente de crentes de outras igrejas. O principal discípulo de Castellanos no Brasil, Renê de Araújo Terra Nova, de Manaus, explica na introdução ao seu Manual de Realização do Encontro (reeditado em 1999), essa universalização do movimento: “O Encontro e suas fases não são (sic) apenas para novos crentes, mas também para líderes que querem implantar com êxito a visão de células de multiplicação e de grupos de 12.”⁶ Com tais considerações queremos inicialmente desmistificar o G-12, desvendando o seu propósito, por isso vale a pena repetir: **O G-12 é apenas mais um modelo de discipulado, o programa de células de Castellanos mais um modelo de estrutura eclesial celular e o encontro foi inicialmente a estratégia para integrar novos convertidos à Missão Carismática Internacional, e atualmente, é a estratégia para a conquista de adeptos para o seu movimento, que se pretende internacional. Assim, o G-12 não é a alternativa final de Deus para a igreja, não é o mover do Espírito Santo nesses dias e nem os encontros um mero método de discipulado (talvez fosse na idéia original).**

Naturalmente Castellanos não aceitaria tal desmistificação. Em entrevista à revista Videira ele declarou com pouquíssima modéstia: “Este modelo vai ser o modelo que o mundo inteiro vai abraçar, porque é integral, foi o que Deus me disse há alguns meses.”⁷

Essa perigosa presunção de ser o porta-voz final de Deus, de receber diretamente de Deus revelações que inclusive não encontram respaldo nas Escrituras, deveria nos levar a uma atitude de santa suspeita quanto a esse movimento que pretende ser “the ultimate solution” ou “a invenção da roda”. Castellanos afirma: “Esta visão como o modelo de igreja futurista que, sem dúvidas, **será a única preparada** (grifo meu J.M.S.) para a grande colheita evangelística dos últimos tempos.”⁸ Deveríamos ser como os Bereanos que segundo Atos 17.11 **“eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim.”**

³ Castellanos, Sonha, 91

⁴ Castellanos, Liderazgo de éxito, 386

⁵ Aparentemente Paul Yonggi Cho autor de vários livros sobre grupos familiares incluindo “Muito Mais do que Números”, mudou de nome para David Yonggi Cho.

⁶ Terra Nova, Manual de Realização,

⁷ Castellanos, Entrevista à Revista Videira

⁸ Castellanos, Sonha, 169.

Aqui se configura o problema central, ao meu ver, da questão de participação de Batistas em tais encontros. Por analogia é como se estivéssemos enviando os crentes de nossas igrejas para participarem da Classe de Novos Convertidos do Movimento Carismático de Castellanos. Para igrejas e pastores Batistas que abraçaram a causa neo-pentecostal, talvez aqui não haja problemas (embora a Assembléia de Deus, a IURD, e outras igrejas pentecostais e neo-pentecostais estejam se pronunciando contrariamente ao movimento). Para aqueles, entretanto, que conservam a ortodoxia Batista, não há dúvidas que trará divisão e problemas.

É preciso abordar alguns pressupostos, e o faço em forma de perguntas:

1)Crescimento Numérico como prova incontestável de evangelicidade?

Há entre nós uma tendência a uma identificação ingênua entre avivamento e clichês tais como crescimento explosivo e manifestações pentecostais. Se crescimento explosivo é sinal de avivamento, então o Padre Marcelo Rossi está certo? Se manifestações pentecostais são sinal de avivamento o movimento carismático católico está com a razão?

2)Emoção Humana como sinal incontestável da presença do Espírito?

Queria fazer um alerta sobre um problema do meio evangélico que tenho notado, desde que voltei ao Brasil. Há uma identificação e associação imediatista entre emocionalismo e ação do Espírito. Entretanto, nem toda a emoção humana é provocada pelo Espírito Santo de Deus. Há outras fontes dela, que vão desde o temperamento humano a ação diabólica. Daí por favor, vamos ser mais cuidadosos em identificar imediatamente nosso emocionalismo com o mover do Espírito Santo de Deus.

3)Participação como fonte única de autoridade crítica?

É preciso que se afirme aqui que é enganosa a afirmação de que só pode emitir juízo de valor sobre o encontro quem participar dele. Sem com essa afirmação emitir um juízo de valor sobre o movimento ou associa-lo necessariamente com algo negativo, eu não preciso tomar um veneno para saber que ele me fará mal, muito mal. Nós não somos tão pragmáticos assim! Há duas formas de provar a verdade sobre um fato: a primeira o princípio científico da repetição do fato, a segunda é o princípio jurídico do uso de testemunhas. É possível levantar um quantidade enorme de testemunhas e ler a já vasta literatura disponível, para perceber claramente os erros do movimento, ou pelo menos o seu dualismo: enquanto alguns falam de um encontro tremendo, outros ficam tremendo depois do encontro! Também é ilusória a afirmação de que todos os que participaram do encontram voltaram transformados e melhores crentes. Somam-se as notícias de que o movimento tem feito várias vítimas: igrejas divididas, e pessoas entrando em estado de choque psíquico-emocional. Simplesmente porque o encontro é, volto a repetir, uma estratégia da conquista de adeptos para o movimento carismático e neo-pentecostal de Castellanos.

É importante lembrar que o movimento se auto-identifica como “carismático” e, portanto, é parte dos novos movimentos religiosos que poderiam ser chamados de neo-pentecostais, com ênfase em doutrinas e práticas questionáveis, tais como teologia da prosperidade, maldição hereditária, re-judaísmo, ao lado de outras características do movimento pentecostal clássico, tais como o batismo no Espírito Santo como segunda e definitiva bênção. Não obstante, o movimento acrescenta novas tendências, tais como: neo-platonismo, santificação instantânea etc...

Um outro aspecto que percebo estar presente nesse e em outros movimentos semelhantes é o desejo da construção de impérios pessoais ao invés de edificação do Reino de Deus. É

a idolatria dos números. Hoje se fala muito na Mega Igreja de Rick Warren, na Igreja de 170 mil membros e 15 mil células de Castellanos etc... Nós não podemos aceitar o princípio de que os fins justificam os meios, ou que queremos crescimento numérico a todo e qualquer custo.

Um aspecto fundamental é o encontro em si. Aos encontros tem sido atribuído, por seus defensores, um caráter normativo, como se somente lá pudesse alguém se encontrar com Deus e ter a vida transformada. A idéia mesmo é da santificação instantânea pelo encontro. Castellanos afirma: “O encontro é uma vivência genuína com Jesus Cristo, com a pessoa do Espírito Santo e com as Sagradas Escrituras, nos quais, mediante conferências, palestras, vídeos e práticas de introspecção se leva o novo convertido ao arrependimento, libertação de amarras e sanidade interior. O propósito é fornecer orientação clara à luz das Sagradas Escrituras ao recém convertido acerca de seu passado, presente e futuro com Jesus Cristo, mediante ministrações a nível pessoal e grupal, operando-se mudanças tão importantes durante os três dias, que assistir ao encontro, equivale a um ano de crescimento espiritual. Desta maneira, o novo é preparado para desenvolver uma relação íntima com o Senhor, facilitando-lhe a aprendizagem da oração, leitura da Palavra e o conhecimento da visão...”⁹ Essa afirmação revela que Castellanos confunde o encontro com Cristo na experiência da conversão, com os retiros espirituais promovidos por ele. É possível ter um encontro pessoal com Cristo num retiro espiritual, mas não se pode reduzir e confundir o encontro pessoal com uma estratégia, um retiro de três dias.

Em outro lugar Castellanos mostra o que pretende nos seus encontros: “Aprofundar em suas experiências pré-natais, na infância, adolescência e juventude para assim, com a ajuda do Espírito Santo e a Palavra de Deus, ministrar libertação e sanidade interior ao novo (convertido), ensinando-o a manter-se puro e santo para Deus.”¹⁰ “A rejeição, que tenha ocorrido durante a gravidez, na infância, ou na adolescência, é o tema de maior tratamento durante os encontros, mas o viver as experiências de Jesus no Getsêmane e na cruz, em um retiro, leva a pessoa a ser curada de todas as feridas emocionais produzidas pelo episódio, receber libertação do opróbrio, da humilhação, da insegurança e do temor; entender a obra perfeita de Jesus na cruz, cortar todas as maldições que venham por descendência e compreender com exatidão quem é Deus. Receber Sua paternidade como fiel e amoroso restaurador, é uma experiência maravilhosa.”¹¹ Esse processo de regressão, ensinado também largamente no manual do encontro, onde se fala até de visualização do momento de fecundação, é uma estratégia perigosa que pode provocar distúrbios psicológicos profundos.

Mais duas afirmações que fortalecem a nossa tese de confusão entre encontro e encontros: “O pré-encontro é transcendental porque é nessa etapa quando a pessoa se conscientiza do que necessita para que sua vida seja transformada e totalmente restaurada, e é orientada da maneira como vão estar sucedendo as coisas no retiro.”¹² “No encontro morre tudo aquilo que possa ser um impedimento para o progresso da vida cristã e para o desenvolvimento de uma liderança frutífera. Morre-se definitivamente para a vida velha, e se recebe a unção para uma nova caminhada no poder do Espírito Santo.”¹³ Percebam a ênfase no morrer para a vida velha via retiro, e não conversão!

⁹ Castellanos, Liderazgo de éxito, 386.

¹⁰ idem.

¹¹ Castellanos, Sonha, 92.

¹² Castellanos, Liderazgo de éxito, 390.

¹³ Castellanos, Liderazgo de éxito, 391.

Aqui vale a pena lembrar do ensinamento de Jesus sobre oração e encontro com ele: “Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará” (Mateus 6.6).

Não podemos fechar os olhos a dois problemas centrais do Movimento de Encontros de Castellanos: o primeiro diz respeito aos métodos de persuasão usados no encontro, em muitos casos chegando às raias de uma **lavagem cerebral**. Há, não raro, manipulação psicológica fortíssima, segundo várias testemunhas, que procura persuadir o encontrista das doutrinas do Movimento. Há pouco tempo para ruminar o que se aprende, aliás não se pode conversar com outros durante o encontro, daí que a tendência é a da produção de adeptos em série.

O segundo problema central do movimento, na perspectiva Batista diz respeito ao arcabouço doutrinário e teológico ministrado nos encontros. Castellanos é enfático ao dizer que há princípios inegociáveis no seu movimento, o que Terra Nova, reafirma ao mencionar os critérios de legitimidade e fidelidade à visão inicial. Castellanos cita na entrevista à revista Videira, que no retiro de três dias (Encontro) são enfatizados cinco aspectos fundamentais: a certeza da salvação, a restauração da alma, a quebra de maldições, a cura interior e o conhecimento da visão. Percebe-se que atualmente o retiro já abarca outros aspectos, quais sejam: o do batismo com o Espírito Santo como Segunda e definitiva bênção, o falar em línguas etc...

Gostaríamos portanto de reafirmar as nossas convicções sobre o Batismo com o Espírito Santo e a quebra de maldições e mostrar a falta de fundamentação bíblica de tais princípios como são ensinados no Encontro.

Antes, porém, um resumo do que dissemos até agora através de teses:

- 1) O G-12 de Castellanos é apenas mais um modelo de discipulado quando o pastor escolhe um grupo de líderes, para dividir com eles sua visão ministerial e assim impregnar a comunidade local com ela.
- 2) O programa de Células é apenas mais uma estrutura eclesial celular. É uma estratégia antiga de roupagem nova. Especialistas em crescimento de igrejas afirmam a reunião da igreja em células ou grupos familiares como sendo fator fundamental de crescimento.
- 3) Os encontros foram inicialmente a estratégia de Castellanos para integrar novos convertidos à sua igreja. Tratava-se de uma espécie de classe intensiva de Catecúmenos ou novos convertidos.
- 4) A internacionalização do movimento provocou uma mudança tomando-o uma estratégia para a conquista de adeptos de outras igrejas, inclusive para o Movimento de Castellanos.
- 5) O G-12 e sua estratégia de Retiro de três dias não é a solução final ou a invenção da roda. Não é o “genuíno mover do Espírito Santo de Deus”, mas apenas uma estratégia de trabalho de Castellanos para crescimento de sua igreja.
- 6) O movimento de Castellanos é essencialmente carismático e parte dos chamados novos movimentos religiosos ou neo-pentecostais, com ênfase em doutrinas e práticas de biblicidade e ética questionáveis.
- 7) O movimento acrescenta novas distorções bíblico-teológicas tais como a da santificação instantânea.
- 8) O movimento induz a associação imediata de emocionalismo com ação do Espírito Santo. Nem toda a emoção humana é provocada pelo Espírito Santo.

- 9) O Movimento deve ser questionado em suas motivações. Castellano e seus seguidores estão interessados realmente na construção do Reino de Deus, e na edificação da Igreja de Jesus ou suas motivações estão na construção de impérios pessoais, a qualquer custo?
- 10) Os métodos de persuasão intensiva usados no encontro caracterizam-se em muitos aspectos pela manipulação psicológico-emocional dos participantes, chegando às raias da lavagem cerebral.
- 11) O arcabouço teológico e doutrinário dos encontros contém aspectos de biblicidade duvidosa.

Duas palavras precisam ser aqui ditas. Há cristãos famintos de experiências mais profundas com Deus, que correm atrás de satisfação às suas necessidades espirituais legítimas de sede de Deus. Há um clamor por maior espiritualidade. Há pessoas que têm compartilhado, também, que receberam um novo ânimo para suas vidas cristãs, após participarem destes encontros. Tudo isso é legítimo e não podemos simplesmente fechar os olhos para essa realidade. Mas é preciso unir amor à verdade. Stott diz comentando Ef. 4.15 que “a verdade se torna ríspida se não for equilibrada pelo amor, o amor torna-se frouxidão se não for fortalecido pela verdade”¹⁴. É possível que muitos em sua sinceridade estejam enveredando pelos erros do movimento, entretanto sinceridade não justifica falta de firmeza doutrinária. Estes, como disse alguém “estão sinceramente errados.”

O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO¹⁵

O pentecostalismo clássico defende a doutrina do batismo com o Espírito Santo como uma segunda, subsequente e definitiva experiência. Quer dizer que a primeira experiência é a conversão, não suficiente, por isso exige-se uma segunda experiência, qual seja a experiência do batismo com o Espírito Santo. Essa experiência, afirmam, deve ser buscada intensamente através de oração, vigílias, jejuns e clamores. A evidência clássica de que alguém foi batizado seria então uma experiência de profunda comoção emocional, seguida do falar em línguas estranhas ininteligíveis (glossolalia). A idéia de experiência definitiva advém da linguagem pentecostal de tratar esta experiência como um divisor de águas, assim como a conversão. Alguém é ou não convertido. Assim, alguém é ou não batizado no Espírito Santo.

Os Batistas defendem que “o batismo no Espírito Santo sempre ocorre quando os pecadores se convertem a Jesus Cristo, que os integra regenerados pelo Espírito Santo, à Igreja.”¹⁶

Vida cristã é vida no Espírito, e não é possível ser de outra forma. A vida cristã começa com o novo nascimento e esse é nascimento no Espírito (conf. Jo 3.3-8). Em Gl. 4.6 está dito que todos os que têm o Espírito de Deus são Filhos de Deus, e todos os que são filhos de Deus têm o Espírito de Deus. Em João 3.34 se diz que Deus não dá o Espírito “em metros”. O Espírito Santo não é uma força ou substância, mas um ser, e por isso alguém tem ou não o Espírito; mas não é possível ter um pouco mais ou um pouco menos dEle. Rm 8.9 afirma contundentemente que “Se alguém não tem o Espírito esse não é dEle.” Assim, a prova da conversão é ter o Espírito. O Espírito é o penhor, a garantia, da nossa herança (Ef 1.13,14), ele nos foi outorgado quando cremos.

¹⁴ Stott, John R.W., A Mensagem de Efésios. A Nova Sociedade de Deus. São Paulo: ABU Editora 1986, 125

¹⁵ As colocações sobre o Batismo com o Espírito Santo foram tiradas, de uma forma ou outra do excelente livro de John R. W. Stott, Batismo e Plenitude do Espírito Santo, São Paulo: Vida Nova, 1990.

¹⁶ Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, 8.

A expressão “Dom do Espírito” é sinônima para “Batismo”. Ser batizado (a palavra grega *Baptizo* quer dizer imergir) é figura para afirmar que se tem o Espírito Santo.

A expressão Batismo no Espírito Santo é exclusiva do Novo Testamento onde aparece por 7 vezes (Mt 3.11, Mc 1.8, Lc 3.16, Jo 1.33, At 1.5, At 11.16, 1 Co 12.13), e é o cumprimento da expectativa do derramamento do Espírito anunciado no Antigo Testamento. Pedro no sermão do dia de pentecostes igualou o “derramamento” (conf. Joel) ao batismo; pois que as duas expressões são idênticas (At 1.4-5, 2.17-33).

Batismo é uma cerimônia iniciática e nunca subsequente: “O Dom do Espírito Santo é uma experiência universal por ser uma experiência cristã inicial”¹⁷.

A vida e ministério de Jesus foram entendidos como “ministério do Espírito” (2 Co 3.8). João, então, resumiu essa perspectiva falando acerca do Batismo com o Espírito Santo que seria dado por Jesus (Mc 1.8, Jo 1.33).

Em At 2.38, 39 Pedro garantiu o recebimento do Dom, da promessa, do batismo, enfim, do derramamento a todos que se arrependessem e cressem.

Em Gl 3.2, 14 se mostra que o Espírito Santo foi recebido pelos que creram, como fruto da Fé que responde.

Assim, ser batizado no Espírito Santo é sinônimo de ser convertido. Não se exclui, obviamente, a exortação bíblica de que devemos buscar constantemente a plenitude do Espírito, ou seja o enchimento com o Espírito, que é a submissão progressiva à direção do Espírito.

A MALDIÇÃO HEREDITÁRIA¹⁸

“Maldição é a autorização dada ao diabo, por alguém que exerce autoridade sobre outrem, para causar dano à vida do amaldiçoado.” Esse é o conceito popular sobre maldição. Um outro aspecto é da maldição hereditária, que implica em problemas e sofrimentos originados por problemas e pecados dos antepassados e herdados hereditariamente.

A maldição era primeiro uma defesa ou ama mágica. A prática foi plenamente utilizada pelos povos vizinhos de Israel. A maldição tinha o propósito de desestimular ou desencorajar a quebra da lei e do juramento em Israel (Dt. 27-28, Lv 26.14-39). A fórmula de responsabilidade dos membros de visitar a culpa dos pais nos filhos (netos e bisnetos), até a terceira e quarta geração (Ex 20.5, Nm 14.18, Dt 5.9), deve ser vista e interpretada a partir da organização do povo de Israel em clãs (grande família). Um clã abrangia até quatro gerações, como era a família de Jacó. Caso alguém quebrasse a lei, toda a família sofreria os danos decorrentes do pecado dessa pessoa (Dt 24.16, II Rs 14.6, Ez 18.20).

Maldição era juízo divino. Estar sob maldição é estar em rebeldia contra Deus (Dt. 11.26-28, 30.1,19, Js 8.34, Is 24.5,6, MI 2.2).

Em Gal 3.10-14 se diz que: “Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós; porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro; para que

¹⁷ Stott, Batismo e Plenitude, 35.

¹⁸ As colocações sobre Maldição Hereditária foram tiradas, de uma forma ou outra do Sermão de Ed René Kivitz, Quebrando as Maldições, São Paulo 1993. Além disso aproveitamos uma contribuição do Sermão de Abimael, “Encontro Tremendo”.

aos gentios viesse a bênção de Abraão em Jesus Cristo, a fim de que nós recebêssemos, pela fé, a promessa do Espírito.”

Traumas de infância são uma possibilidade real na vida de alguém, mas estes não podem ser confundidos com traumas hereditários. Traumas hereditários são absurdos que só se coadunam com a doutrina de reencarnação. “Confundir danos psicológicos com maldição ou praga rogada é, no mínimo, falta de discernimento e sabedoria”

O Ensino da Bíblia é claro:

- 1) A responsabilidade é pessoal – Ez. 18.1-32
- 2) A conversão a Cristo transmite o perdão para os pecados e Deus declara justo ao que crê, de modo que este fica livre de toda e qualquer acusação (Rm 8.33, 34, Ef. 1.7)
- 3) Aquele que se converte é transportado do império das trevas para o império da luz, do controle do Diabo para o reino do amado Filho de Deus (Cl. 1.13). No Reino da luz aquele que se converteu está em Cristo, assentado nas regiões celestiais (Ef. 2.6) e em total segurança, nas mãos de Cristo (Jo 10.28,29). O Novo Testamento deixa claro que os que estão em Cristo, estão selados com o Espírito Santo (Ef. 1.13,14) que zela pelos seus com ciúmes (Tg 4.5) e oferece total segurança pois é maior o que está nos cristãos do que o que está no mundo (1 Jo 4.4). O Maligno não lhes toca (1 Jo 5.18).
- 4) Já somos filhos de Deus mas ainda não é manifesto o que haveremos de ser (1 Jo 3.2). Estamos sendo transformados de glória em glória (2 Co 3.18). Embora salvos ainda não estamos prontos.

Na farta literatura do movimento há afirmações que revelam bem a sua fragilidade doutrinária e que exigem uma confrontação:

“Sonhar com uma igreja tão grande como as estrelas do céu e a areia do mar.”¹⁹ Aqui levanta-se a suspeita sobre as motivações de Castellanos. O nosso alvo, não é alcançarmos êxito e sucesso, mas semos semelhantes a Cristo.

“Somos seres humanos dotados de qualidades e fontes inesgotáveis.”²⁰ Aqui manifesta-se o complexo de “He-Man” do Movimento de Castellanos. Nós não somos dotados de qualidades e fontes inesgotáveis, mas somos limitados e imperfeitos. Castellanos é, visivelmente, adepto da malfadada “Teologia da Prosperidade”.

“Todas as coisas que nós desejamos, já existem, estão na dimensão espiritual, quer dizer, na dimensão da bênção divina.”²¹ “Permanecer no plano espiritual para dali poder controlar tudo o que desejamos que suceda no plano natural.”²² Essas afirmações revelam uma tendência forte ao neo-platonismo de Castellanos. Qual a fonte de tais afirmações? Não há na Bíblia tal ensino!

“Sei que as nações do mundo se voltarão para esta visão dos doze e, quem o fizer, se multiplicará grandemente porque esta é a estratégia de Deus para o século XXI.”²³ Castellanos se revela pouco modesto. Afirmar que tal estratégia é “a estratégia de Deus”, é no mínimo pretensão. E.M. Bounds afirmou: “A Igreja está procurando métodos melhores; Deus está buscando homens melhores.(...) O que hoje a Igreja necessita não é de mais e

¹⁹ Castellanos, Liderazgo de éxito, 18.

²⁰ idem, 20.

²¹ Idem, 21.

²² Idem, 25.

²³ Idem, 29.

melhor maquinismo, de novas organizações ou mais e novos métodos, mas homens a quem o Espírito Santo possa usar – homens de oração, homens poderosos na oração. O Espírito Santo não se derrama através dos métodos, mas por meio dos homens. Não vem sobre maquinaria, mas sobre homens. Não unge planos, mas homens – homens de oração. (...) Homens são o método de Deus.”²⁴

“Salvação é a proteção espiritual, física e material que Deus tem para seus filhos, e estende-se a seus familiares.”²⁵ Essa doutrina não encontra qualquer respaldo bíblico. Salvação é regeneração por meio da fé em Cristo Jesus.

“A necessidade de inovar de forma radical e contínua. Toda visão implica em inovação.”²⁶ Nem toda a inovação é boa e vem de Deus. Além disso corre-se o risco de tornar-se seguidor de inovações e não de Deus e sua vontade.

“Quando Deus primeiro colocou em minha mente o conceito de uma congregação numerosa, tornei a crer nEle e começou a vir a multiplicação em um ritmo de crescimento nunca antes visto na história da igreja cristã em nosso país. Entretanto, comecei a pensar que as coisas deviam ir mais além do que estávamos alcançando.”²⁷ Mais uma vez tal afirmação leva-nos a questionar as motivações de Castellanos.

De maneira clara, escudou Deus dizer-lhe: “Sonha, porque os sonhos são a linguagem do Meu Espírito!” Essa idéia não tem o menor respaldo bíblico. O Espírito nos fala pela Palavra, embora seja possível falar-nos através dos sonhos durante o sono, mas não necessariamente através dos sonhos como idéias dominantes perseguidas com paixão.

Concluindo, o movimento de Castellanos:

Erra, porque pretende ser a revelação de Deus única e exclusiva.

Erra, porque confunde números simbólicos com numerologia, ao exigir o uso do número 3 ou 12 como se fossem números mágicos. A fronteira entre o movimento de Castellanos e o esoterismo é muito tênue.

Erra, porque tem base em pretensas revelações e sonhos de um homem, cujas revelações não encontram respaldo bíblico, mas que pretendem ser novas revelações.

Erra, porque fundamentado na inovação cria doutrinas esdrúxulas como a de exigir dos encontristas que liberem perdão a Deus.

Erra, porque com sua confusão entre retiro para novos crentes e crentes antigos, anula a cruz e a obra vicária de Cristo, exigindo que todos os participantes confessem pecados anteriores ao encontro.

Erra, porque confunde os seus retiros com o Encontro pessoal com Cristo na conversão.

Erra, porque pretende que o encontro produza santificação instantânea a todo custo.

Erra, porque tenta pela manipulação psicológica massiva produzir a obra do Espírito.

Erra, porque pretende tornar os encontros normativos para todos que desejam ser instrumentos de Deus para esta geração.

Erra, porque quer crescimento numérico a qualquer custo.

Erra, porque confunde construção de um império pessoal com a construção do Reino de Deus.

Enfim, não cremos que tal movimento seja uma opção sadia para igrejas Batistas comprometidas com a sã doutrina e a Palavra de Deus.

²⁴ E.M.Bounds, Poder através da oração, São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1979, 5ss.

²⁵ Castellanos, Sonha 41.

²⁶ Idem, 49.

²⁷ Castellanos, Sonha, 77.

Bibliografia

- 1) CASTELLANOS, César (César Castellanos Domínguez). Liderazgo de éxito a través de los 12, Santa Fé de Bogotá: Editorial Vilit, 1999.
- 2) CASTELLANOS, César (César Castellanos Domínguez). Sonha e Ganharás o Mundo, São Paulo: Palavra da Fé Produções, 1999.
- 3) CHO, Paul Yonggi. A Quarta Dimensão. Um guia para o viver vitorioso, n.p.: Editora Vida, ¹³1986.
- 4) CHO, Paul Yonggi. Muito Mais do que Números, Belo Horizonte: Editora Betânia, 1985.
- 5) Comissão dos Treze. Doutrina do Espírito Santo. Parecer da Comissão dos Treze, Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1963.
- 6) Convenção Batista Brasileira. Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira (série Documentos Batistas 2), Rio de Janeiro: Juerp, ²1987.
- 7) Entrevista de César Castellanos à Revista Videira
- 8) Entrevistas diversas
- 9) Fita Cassete: Testemunho Encontro G-12 – Irmã Adriana
- 10) Fita Cassete: Testemunho Encontro G-12 – Irmão Gilberto
- 11) KIVITZ, Ed Renê. Quebrando as Maldições. Semão integrante da Série Na Boca do Povo pregado na Igreja Batista de Água Branca em 11 de abril de 1993, São Paulo: Edição Própria, 1993.
- 12) SCHWARZ, Christian A. Die natuerliche Gemeindeentwicklung. Nach den Prinzipien, die Gott selbst in seine Schoepfung gelegt hat. Wuppertal, Kassel und Emmelsbuell: C& P Verlag und Oncken Verlag, 1996. (port. O desenvolvimento natural da Igreja, Ed. Evangélica Esperança)
- 13) STOTT, John. Batismo e Plenitude do Espírito Santo, São Paulo: Vida Nova, 1990.
- 14) TERRA NOVA, Renê de Araújo (org.). Implantando com Eficácia a Visão de Células, Manaus: Ministério Internacional da Restauração, ²1999.
- 15) TERRA NOVA, Renê de Araújo (org.). Manual de Realização do Encontro, Manaus: Ministério Internacional da Restauração, ⁴n.d.